



## Evento em Curitiba sugere formas criativas de se trabalhar

Organizada simultaneamente em 11 países, entre América Latina, Portugal e Espanha, a Semana da Economia Criativa Colaborativa será realizada pela segunda vez consecutiva em Curitiba, de 11 a 17 de maio, e em outras 49 cidades. E as Casas Abertas serão as anfitriãs da programação, que inclui oficinas, atividades e festas.

Os participantes terão oportunidade de conhecer diferentes propostas de trabalho colaborativo, desde locais dedicados ao bem-estar e terapias a ambientes em que produção cultural e artística é mais intensa. Há ainda lugares de moda, culinária, arte, arquitetura, entre outros segmentos. “O próprio trânsito dos participantes entre uma casa e outra vai ajudar a disseminar a proposta”, aposta Henrique Cabral.

Além das Casas, participam da organização da semana o CoLab4D e a Rede de Economia Criativa do Paraná. Nos eventos em Curitiba serão abordados temas como a colaboração, comunicação, movimentos sociais espontâneos, arte e cocriação, modelos e padrões de negócios criativos e colaborativos, cidade e sustentabilidade.

As atividades começam às 14 horas e são gratuitas. As palestras, painéis e discussões acontecem no final da tarde, a partir das 19 horas, e vão envolver produção digital, espaços abertos de grafite e hortas, cocriação, finanças, consultoria colaborativa, projetos conjuntos e financiamentos coletivos. A participação é livre e não é necessário fazer inscrições. A programação completa e o endereço das Casas participantes estão na fanpage do Colaboratiba, no Facebook.

As Casas Abertas são uma alternativa para viabilizar a estrutura para que toda essa troca ocorra e gere fluxo de negócios, mantendo próximos os atores do modelo que ganham escala exponencial em suas redes. Modelos de negócios baseados no compartilhamento têm alcançado resultados relevantes, como a plataforma Airbnb, de oferta de cômodos e imóveis por temporada. Também provocam mudanças e discussões sobre condutas convencionais das atividades, como foi o aplicativo Uber, de carona remunerada, que chegou a ser suspenso no país por uma liminar judicial, posteriormente revogada, a pedido dos motoristas de São Paulo. Ambos são exemplos da força da economia colaborativa, que movimentou US\$ 110 bilhões em 2014, de acordo com a revista *Forbes*.

Experiências como a casa Laborosa, 89, em São Paulo, e outros espaços coletivos de prototipagem de projetos em Porto Alegre e Recife têm inspirado iniciativas em Curitiba. Depois de conhecer projetos semelhantes, em agosto de 2014, o advogado Filipe Küster voltou para a capital para replicar aqui o conceito do trabalho em rede. “A ideia é manter a catraca livre para receber quem está disposto a compartilhar e viver em rede, com o cuidado que essa experiência exige”, diz.

A iniciativa de Küster se alinhou à ação dos participantes do curso de Economia Criativa coordenado pela especialista Lala Deheinzeln no Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP), que iniciaram um mapeamento de espaços com o DNA do modelo criativo e colaborativo em Curitiba. “Pelo menos 15 locais foram identificados como abertos, com diferentes vocações, que funcionam como coworkings, ateliês ou em modelos híbridos”, explica o empreendedor Henrique Cabral, fundador da Casa Base, dedicada à moda e arquitetura, que começa a funcionar em junho.

## Uso sustentável

Para a engenheira mecânica Cláudia Valenzia, especializada em administração de empresas, a atividade colaborativa propõe o uso sustentável de recursos e estruturas, sejam físicos, financeiros, humanos ou de tempo. Além disso, a divisão de espaço e ideias dá a flexibilidade que o teste dos modelos de negócios criativos exige. Há tempo e espaço para errar e retomar o projeto, com as modificações sugeridas pelos parceiros.

“A modalidade se baseia no fato de que os recursos, mesmo abundantes, não são aproveitados de maneira adequada. Ao compartilhá-los em rede, há maior interação entre as pessoas, que não são limitadas por uma gestão centralizada”, explica Cláudia. “O ponto chave dessa modalidade é a transparência. Tudo é muito claro, dos custos de manutenção à participação de cada um no trabalho e na rotina”, completa Cabral.

---

Brunno Covello/Gazeta do Povo

| Brunno Covello/Gazeta do Povo

Brunno Covello/Gazeta do Povo

## Solimões, 541

O endereço do imóvel deu nome à casa, onde três residentes dividem espaço e projetos, mas muitos outros podem chegar para trabalhar e contribuir. Fundada pelo advogado Filipe Küster, entusiasta do modelo colaborativo, a Solimões, 541, abriga equipes de web designers, arquitetos e cozinheiros, que trabalham juntos em projetos compartilhados entre eles e outros empreendedores da rede.

A ideia tem a adesão – e o apoio financeiro – de 43 pessoas, que garantem R\$ 2.350 dos R\$ 3 mil necessários por mês para manutenção do espaço. Além disso, os residentes se dividem na organização diária, no melhor esquema: usou, limpou, guardou. “Viver em rede requer cuidado. É a máxima da convivência colaborativa”, diz Küster.

### Compartilhamento

O uso rotativo dos espaços é agendado no site da casa e conta com o caráter colaborativo dos usuários, que não são obrigados a contribuir no sistema de autogestão que a casa se propõe, mas o fazem pela consciência do compartilhamento. “Aqui invertemos a lógica tradicional de que poucas pessoas com muito dinheiro fazem coisas grandiosas. Somos muita gente com pouca grana e fazemos bastante”, explica o advogado. **(APF)**